

## III JORNADA BÍBLICA-TEOLÓGICA - 2003

### CERIMONIAL OU MORAL?: UM ESTUDO SOBRE O SÁBADO EM COLOSSENSES 2:14-17

**Heber Nicholas de Lima**

Bacharel em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP  
Monografia apresentada em Abril de 2003  
Orientador: José Miranda Rocha, D.Min.  
hebernicholas@bol.com.br

**RESUMO:** Um dos textos mais utilizados por pessoas que procuram provar que a observância do quarto mandamento foi abolida na cruz, é Colossenses 2:14-17. Haja vista ele fazer uma clara referência ao sábado. Em defesa, se tem interpretado tradicionalmente a palavra sábado como sendo cerimonial. No entanto, poderia haver outra interpretação nesta passagem que incluiria o sábado do Decálogo? O que diz Ellen G. White sobre este texto? Esta pesquisa apresenta uma interpretação que diverge da posição tradicional adventista, mas que não contesta a validade da observância do sétimo dia.

**PALAVRAS-CHAVE:** sábado, festas judaicas, interpretação adventista, Ellen White

#### **Ceremonial or moral?: a study on the Sabbath in Colossians 2:14-17**

**ABSTRACT:** Colossians 2:14-17 is one of the texts most used by those who want to prove that the observance of the fourth commandment was abolished in the cross. It makes a clear reference to the Sabbath. In the other side, those who defend the observance of the fourth commandment usually interprets this text as referring to a Ceremonial Sabbath. However, could there be another interpretation that would take it as speaking of the Sabbath of the Ten Commandments? What does Ellen G. White said on the subject? This paper presents an interpretation that differs of the traditional Seventh-day Adventists interpretation while maintaining the validity of the seventh-day observance.

**KEYWORDS:** Sabbath, jewish festivals, adventist interpretation, Ellen White

### 3ª. JORNADA BÍBLICA-TEOLÓGICA – 2003

#### O SÉTIMO DIA EM COLOSSENSES

**Heber Nicholas de Lima**

Bacharel em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho

Orientador: José Miranda Rocha, D. Min.

#### I. INTRODUÇÃO

Colossenses 2.14-17 é um dos textos mais utilizados por pessoas que procuram provar que a observância do quarto mandamento foi abolida na cruz, visto fazer uma clara referência ao sábado. Em defesa, se tem interpretado, tradicionalmente, a palavra sábado como sendo cerimonial. Poderia haver outra interpretação nesta passagem que incluiria o sábado do Decálogo? O que diz Ellen G. White sobre este texto? Procuraremos responder estas indagações no nosso estudo.

##### Contexto do livro

A epístola aos Colossenses faz parte das cartas ditas “do cativoiro”.<sup>1</sup> Paulo estava preso (4.18) em Roma por volta do ano 62 AD.<sup>2</sup> Parece que Paulo nunca passou nesta igreja (1.4; 2.1), não sendo, portanto, o seu fundador.<sup>3</sup> É possível que Epafras tenha sido o fundador (1.7; 4.12 e 13). Ele levou notícias sobre a igreja a Paulo, enquanto este estava preso. Epafras foi companheiro de Paulo na prisão.<sup>4</sup>

##### A heresia em Colossos

Não se sabe com certeza qual era o problema em Colossos, mas provavelmente era uma mistura de heresias. Havia problemas com Cristologia, culto aos anjos, exclusivismo, pré-gnosticismo, judaizantes e prática de ascetismo.<sup>5</sup> Em resumo era um *sincretismo religioso gnóstico-judaico*.<sup>6</sup>

Os termos *pleroma* (plenitude 2.9-10), *sofia* (sabedoria 2.3, 23), *gnosis* (conhecimento 2.3), *filosofia* (filosofia 2.8) estão relacionados com um tipo de gnosticismo primitivo. O gnosticismo era um sistema que enfatizava o dualismo, crendo que a matéria era má e que a salvação vinha por meio do conhecimento.<sup>7</sup> Havia falsos mestres que ensinavam mandamentos humanos e parece que ensinavam que se deveria adorar anjos (2.18) para alcançar a plenitude (2.10). Os filósofos (2.8) ensinavam esta adoração a seres angelicais, e também a necessidade de conhecimento (2.2-3). Havia também a prática de ascetismo.<sup>8</sup> Tratavam o corpo com severidade (2.23), não podiam comer ou beber certas coisas (2.16, 21), e precisavam observar dias e tempos sagrados (2.16). Parece que o povo era supersticioso.<sup>9</sup>

Paulo combate estas idéias mostrando a superioridade de Cristo que tem a plenitude da Divindade (2.9-10).<sup>10</sup> Ele provê redenção e perdão dos pecados (2.13-14). Paulo usa o batismo e a metáfora “escrito de dívida” para ilustrar e provar a certeza e plenitude do perdão de Cristo.<sup>11</sup>

## II. EXEGESE

A análise começará com o *cheirographon*, o “escrito de dívida”. Passará para o v. 16 sobre o não julgar sobre comida, bebida, festas, sábado. O terceiro verso que será analisado é o 17, que fala das sombras. Terminando a parte exegética, veremos o que Ellen G. White escreve sobre este texto, e se há alguma contradição entre o texto bíblico e o seus escritos.

### 1. “Escrita de Dívida...” (v. 14)

O contexto imediato dos vv. 14-17 é sobre perdão e batismo (2.11-14). Os crentes tinham sido sepultados com Cristo e estavam mortos nos seus pecados (2.12-13). Foram vivificados no batismo que resultou no perdão dos pecados. Paulo agora ilustra o que ele acabou de dizer, ele enfatiza esta idéia. Ele usa uma metáfora. A metáfora era o “escrito de dívida” que era “contra nós” foi cravada na cruz (2.14). Isto é uma figura de linguagem, chamada de Epexégesis. É uma repetição com o objetivo de explicar algo. Existem três tipos de epexégesis: *exergasia*, *epimoné* e *hermeneia*. Em Colossenses 2.14, temos *epimoné* que significa “quando o que se repete serve para fazer mais profunda a impressão causada pelas afirmações anteriores.”<sup>12</sup> Paulo faz exatamente isto em Colossenses 2.14. Ele repete e enfatiza a idéia da certeza do perdão de Cristo no verso 13.

A palavra *cheirografon* aparece uma única vez no NT e está em Colossenses 2.14. A palavra significa um documento escrito a mão. É também um termo para “certificado de dívida”. Era preparado e assinado pela pessoa que devia.<sup>13</sup> Existe a idéia judaica que Deus tinha um registro de contas de dívidas humanas.<sup>14</sup> Seria uma nota promissória. Esta nota promissória foi paga por Cristo e o crente com vida nova foi enterrado e levantado com Cristo.

Realmente existem registros no Céu (Mt 3.16; Êx 32.33; Dn 7; Ez 18.24; Ap 20). A idéia então é que Cristo cancelou esta dívida. Que dívida seria? A condenação da Lei Moral foi cravada na cruz<sup>15</sup>, ou o registro dos pecados foi abolido na cruz.<sup>16</sup> Devido a obra de Jesus Cristo na cruz, os crentes podem ter certeza do Seu perdão. Os crentes já alcançaram a plenitude (2.10) no batismo (2.12).

Para dar certeza aos cristãos sobre o perdão de Jesus Cristo, não há necessidade de abolir nenhuma lei. Existe a idéia de que a Lei Mosaica como um todo foi cravado na cruz.<sup>17</sup> Mas perguntamos, abolindo uma lei ou leis traria certeza do perdão de Jesus Cristo? A resposta é obviamente não. O texto diz que algo contra nós foi cravado na cruz. Devemos tomar cuidado em dizer que uma lei foi cravada, pois a palavra lei (*nomos*) nem aparece no livro todo de Colossenses. A Lei Cerimonial não foi contra nós. Ela nos mostrava o plano da salvação. A Lei Moral é contra nós no sentido de que nos mostra o que é pecado (Rom 3.20; 7.7-11). Mas a Lei Moral, apesar de mostrar o pecado é “santa, justa e boa”. Não se pode entender na palavra *cheirografon* a idéia da Lei Mosaica, pois é um registro de pecados que foi destruído.<sup>18</sup>

O que são as ordenanças? Aqui a expressão grega é *dogmasin* e significa “opinião,” “decreto,” “estatuto.”<sup>19</sup> A *Bíblia de Jerusalém* traduz o texto da seguinte forma: “apagou, em detrimento das *ordens legais*, o título de dívida que existia contra nós; e o suprimiu, pregando-o na cruz” (v. 14).<sup>20</sup> Estas “ordens legais” seriam a sentença de morte do regime da Lei. Bacchiocchi diz que a base legal do registro dos pecados era os estatutos

ou regulamentos<sup>21</sup>, ou seja a base legal, a lei. Mas isto não foi destruído. O que foi destruído foi o registro escrito dos nossos pecados.<sup>22</sup> A *Tradução Ecumênica* traduz o texto: “anulou o protesto que os mandamentos exibiam contra nos, ele o fez desaparecer, e o pregou na cruz” (v. 14).

Devido à expressão “ordenanças,” alguns crêem que há uma similaridade entre Colossenses 2.14 e Efésios 2.15.<sup>23</sup> Mas existem algumas diferenças,<sup>24</sup> e uma delas é que a palavra Lei não aparece no livro todo de Colossenses. Sendo isto o caso, devemos tomar cuidado de afirmar o que foi cravado. Outra evidência também de que não há similaridade entre ambos os textos e o contexto. Em Efésios, o contexto é o que Deus fez para unir dois grupos em um, e em Colossenses o contexto é o perdão.

## 2. “Ninguém vos julgue...” (v. 16)

Lembramos que havia falsos mestres em Colossos. Suas heresias eram filosofias e práticas ascéticas. Estes diziam como os cristãos deveriam viver. Temos que entender que quando Paulo diz “ninguém vos julgue...” ele se refere aos falsos mestres, e não os cristãos em geral. A palavra para julgar é *krino*, que aqui tem o significado de “determinar a maneira”, as ações dos outros.<sup>25</sup> Veremos que Paulo não está condenando estas práticas em si, mas o uso errado, distorcido, destas práticas.<sup>26</sup> Estes falsos mestres tinham ordenanças (2.20) e eram severos no trato com o corpo (2.23).<sup>27</sup> Eles diziam como o cristão devia ser, o que ele podia e não podia tocar ou provar (2.21).

### a. “Comer e beber” –

Tradicionalmente, os adventistas ensinam que isto se refere às comidas da Lei Cerimonial.<sup>28</sup> As palavras em grego são *brosis* e *posei*. *Brosis* significa simplesmente comida, comendo,<sup>29</sup> é o ato de comer. Não tem conotação de algo cerimonial. A mesma coisa com *posei* (beber, bebendo).<sup>30</sup> Não se pode afirmar que isto está relacionado com as leis cerimoniais. Tem o sentido básico de comendo e bebendo.

### b. “Dias de Festa ou da Lua nova ou dos Sábados” –

Chegamos no coração do nosso trabalho. Há uma seqüência de anual-mensal-semanal.<sup>31</sup> Esta frase ocorre na LXX cinco vezes.<sup>32</sup> Kenneth Strand comenta que é possível que Paulo esteja usando o estilo literário de paralelismo invertido, ou seja, é anual-mensal e novamente anual.<sup>33</sup> Fazemos a pergunta porque Paulo iria se repetir? Isto não faz sentido. Não tem lógica Paulo mencionar festas anuais, mensais e anuais novamente.

Tradicionalmente, a Igreja tem interpretado sábados como sendo cerimonial.<sup>34</sup> Algumas evidências são: (1) sábado se encontra no plural no v.16, e (2) no v. 17 as ordenanças são mencionadas como sombras que se cumpriram em Jesus Cristo. A palavra sábado aparece 60 vezes no NT. É argumentado que somente em Colossenses 2.16 é que tem a conotação de cerimonial, por causa do contexto.<sup>35</sup> Que o contexto menciona alguns itens da lei cerimonial está claro,<sup>36</sup> mas isto não obriga que sábado também seja cerimonial.<sup>37</sup> Há até discussões se a palavra sábado é singular ou plural,<sup>38</sup> pois os outros itens estão no singular. Isto quebrará a seqüência de anual-mensal-semanal.

O segundo argumento diz que, devido ao v. 17, a palavra sombra é algo que aponta para o futuro.<sup>39</sup> O sábado é memorial da Criação,<sup>40</sup> que é um evento passado. Três coisas: primeiro, em Deuteronômio 5.12-15 temos a ordem da guarda do Sábado devido a libertação da escravidão no Egito. No sentido mais pleno, o sábado também aponta o tempo quando Jesus Cristo finalmente nos livrará da escravidão do pecado na segunda vinda.<sup>41</sup> Na LXX, os sábados cerimoniais nunca são chamados de *sabbaton* (sábado), mas usa a

expressão *sabbata sabbatwn* (sábado de sábados).<sup>42</sup> Podemos dizer que é uma sombra do futuro.

Um segundo ponto é que se dissermos que tudo aqui neste texto é lei cerimonial e foi abolida, então temos problemas com nossa própria teologia Adventista. Hoje vivemos no grande dia de juízo, o *Yom Kippur* escatológico, esperamos também a segunda vinda, que seria o dia escatológico da Festa dos Tabernáculos. Também Jesus Cristo está ministrando no santuário celestial, e está aplicando como sacerdote os benefícios de Sua morte. Se a lei cerimonial foi abolida, então como podemos dizer que Jesus Cristo está atuando por nós hoje no santuário celestial, e que vivemos neste dia escatológico?

Num terceiro aspecto, parece que Paulo não está classificando todos os elementos de adoração da economia Israelita como sombras.<sup>43</sup> Geralmente se aplicam os sábados como a sombra do v. 17. Mas a sombra então deveria cobrir também as festas anuais e a festa da lua nova.<sup>44</sup> Existe também a possibilidade de que a expressão se refere para a semana, e não ao mandamento. A expressão sábado é traduzida por semana em outras partes do NT (Lc 18.12; Mar 16.9). Assim a ordem seria de anual, mensal e semanal.<sup>45</sup>

É verdade que o texto não é fácil de interpretar.<sup>46</sup> Qual seria o sentido do texto? Alguns teólogos Adventistas dizem que é mais provável que Paulo se refira ao sétimo dia.<sup>47</sup>

### 3. “Estas são Sombras...” (v. 17)

A que se refere o pronome relativo "estas" (v. 17)? Bacchiocchi diz que “sombra” está relacionada com as ordenanças dos falsos mestres (vv. 18-21) e não com a lista de itens no v.16.<sup>48</sup> Os falsos mestres talvez achavam que suas práticas e filosofias representavam uma cópia que lhes dava acesso a realidade (plenitude). Mas é tudo em vão, a realidade se encontra em Jesus Cristo (2.17).<sup>49</sup>

Rodriguez concorda com isto e diz que ninguém deve determinar para outros como viver (como guardar o sábado, o que deve ou não comer, quando e quanto jejuar), pois da forma que estão sendo usados em Colossos são ensinamentos dos homens (2.8, 22).<sup>50</sup> Paulo não está condenando o princípio da guarda do sábado, mas a distorção do dia.<sup>51</sup> Ele rejeitou a idéia dos falsos mestres de como observá-lo. A maneira alterada de guardar o dia não anula o mandamento em si. Paulo continua desenvolvendo o assunto das ordenanças dos falsos mestres (2.18-21) onde ele chama as ordenanças de sombra (v. 17).<sup>52</sup>

A expressão “sombra” no grego é *skia*,<sup>53</sup> e não *tupos*,<sup>54</sup> a expressão geralmente usada para expressar prefigurações, sombras. Há um contraste entre “sombra” e “corpo” (realidade), ou seja o que é real e o que é vazio.<sup>55</sup> A expressão “sombra” teria o sentido de vazio e não de prefiguração. Os ensinamentos dos falsos mestres eram vazios ou sombras, pois Jesus Cristo é a realidade. Pode até ser que os falsos mestres julgavam que seus ensinamentos eram uma sombra de uma grande realidade, mas Jesus Cristo é a realidade verdadeira. Um sábado sem Cristo é vazio.<sup>56</sup> Um mandamento não é anulado pela condenação de sua distorção.<sup>57</sup> De qualquer forma, a santidade do sábado não está em questão.<sup>58</sup>

### Ellen G. White

O texto de Colossenses 2.14-17 aparece 16 vezes nos escritos de Ellen G. White.<sup>59</sup> Ela tem uma frase em que ela diz o seguinte: “*O cerimonial era constituído de símbolos que apontavam para Cristo, para Seu sacrifício e sacerdócio. A lei ritual, com seus sacrifícios e ordenanças, devia ser cumprida pelos hebreus até que o tipo encontrasse*

*o antítipo, na morte de Cristo, o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Então cessariam todas as ofertas sacrificais. Foi esta a lei que Cristo ‘tirou do meio de nós, cravando-a na cruz’. Cl 2.14”.*<sup>60</sup>

O que será que Ellen White está querendo dizer aqui? Vemos que ela cita o texto de Colossenses 2.14, mas, ela cita apenas uma parte do texto. Quando lemos o contexto, percebemos que ela está falando sobre a lei cerimonial se cumprindo em Cristo. Quando que isto ocorreu? De acordo com ela, foi na cruz. Ela então escolheu um texto, a última linha deste verso para ilustrar o que ela estava dizendo. Ela não cita o texto como um todo, porque Colossenses 2.14 não quer dizer isto. Ela espiritualiza o texto. Pode ser que ela está fazendo uma aplicação espiritual, ela não estaria interpretando e nem re-interpretando o texto, ela está fazendo uma espiritualização do texto. Lembramos que o que foi cravado na cruz era contra nós.<sup>61</sup> A lei cerimonial não era contra nós, e se dissermos que foi, então a obra de Jesus Cristo também foi e é contra nós, pois Ele é o antítipo.

Ela espiritualiza outro texto no livro *O Grande Conflito*. No capítulo “O Grande Juízo de Investigação”, ela escreve que aqueles que não aceitarem a Deus, quando se encerrar o juízo, não perceberão que o destino final já está decidido. Ela então cita Daniel 5.27: “*Pesado foste na balança, e foste achado em falta*”.<sup>62</sup> Mas quando lemos Daniel 5, o profeta não está falando sobre o juízo investigativo *pré-advento*, mas sobre o juízo investigativo de Belsazar. É certo que o contexto de Daniel 5 é de juízo, um juízo investigativo, mas parece que Ellen White usa um texto dentro do seu contexto, e que seja apropriado para ilustrar algo que ela quer dizer. Cremos que ela faz o mesmo em Colossenses 2.14.

### III. CONCLUSÃO

Devido aos problemas filosóficos e práticas em Colossos, Paulo teve que escrever sua carta. Problemas sincretistas, um movimento gnóstico-judaico, com seus falsos mestres determinando como se deve viver, ou praticar certos rituais, e jejuns. Paulo diz que tudo era uma sombra, a realidade se encontrava em Cristo. Paulo não ataca os princípios em si, mas sua perversão.

Creemos que o sábado em Colossenses 2.16 é o santo sábado, o sétimo dia, e não as festas anuais pois já estão presentes no texto, assim mantendo a seqüência lógica de: anual, mensal e semanal. O texto em Colossenses 2.14-17 não condena a guarda do sábado, mas sim apóia. É interessante que tantos falsos mestres quanto os cristãos em Colossos apoiavam e guardavam o sábado.

Paulo não está definindo qual é o dia de guarda, e nem como se deve guardar este dia, pois isto não era sua intenção quando escreveu esta carta. Também não está apoiando a idéia se deveríamos guardar os dias festivos de Israel. Há outros textos que mostram claramente que não há necessidade.<sup>63</sup> O que Paulo está condenando é o mau uso do dia. Mas esta condenação do mau uso do sábado, não anula o mandamento em si.

Quanto à questão de Ellen G. White, damos a idéia de que talvez ela esteja fazendo uma aplicação espiritual do texto e não está fazendo uma exegese<sup>64</sup> do texto e assim chegamos em harmonia com o que foi apresentado. Ademais, não deveríamos usar Ellen White como a palavra final<sup>65</sup>, pois a Bíblia é a última palavra. Se basearmos nossa teologia nos escritos da senhora White, podemos não chegar a uma compreensão completa,

pois nem ela esgota os temas bíblicos. Devemos lembrar, nós testamos Ellen White pelas Escrituras, e não as Escrituras são testadas por Ellen White.<sup>66</sup>

#### IV. REFERÊNCIAS

1. *Bíblia – Tradução Ecumênica (TEB)*, (São Paulo: Edições Loyola, 1996), 1449. Cf. *Seventh-day Adventist Bible Commentary (SDABC)* vol. 6, 105. As outras cartas do cativo seriam Filemon, Filipenses e Efésios.
2. Henry H. Hilley, *Manual Bíblico*, (São Paulo: Edições Vida Nova, 1998), 548; *SDABC*, vol. 6, 105.
3. *SDABC*, vol. 7, 183.
4. Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, 7ª ed., (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1994), 455
5. Donald Guthrie, *New Testament Introduction*, (Downers Grove: Inter-Varsity Press, 1990), 568-569.
6. *Ibid*; Angel M. Rodriguez, “The Biblical Sabbath: The Adventist Perspective”, em *Adventist-Catholic Conversation*, Geneve, Switzerland, maio de 2002, 16. Ele diz que havia elementos judaicos, mas não era o judaísmo tradicional.
7. *The Concise Dictionary of the Christian Tradition*, 166; *Handbook of Seventh-day Adventist Theology*, xix.
8. Eduard Lohse, *Colossians and Philemon*, 114-15. A idéia de jejuar, ascetismo preparava a pessoa para receber uma revelação divina.
9. Parece que aqueles que praticavam estas coisas e acreditavam nisto estavam ameaçando a impor isto no resto da congregação, idéia de Peter T. O’Brien, “Colossians, Philemon”, *Word Biblical Commentary*, eds. David A. Hubbard e Glenn W. Barker (Waco, TX: Word Book Publishers, 1982), 44: 139.
10. Samuele Bacchiocchi, *The Sabbath Under Crossfire*, 240-41. Os anjos seriam mediadores no lugar de Cristo que é a Cabeça (2.9-10, 18-19).
11. *Ibid.*, 242
12. *Diccionario de Figuras de Dicción Usadas en la Biblia*, 330, 332.
13. Horst Balz and Gerhard Schneider, *Exegetical Dictionary of the NT*, 3:464
14. Gerhard Friedrich, *Theological Dictionary of the NT*, 9:435.
15. William E. Richardson, "Sabbath Nailed to the Cross?", em *Ministry*, 14; Mario Veloso, “The Law of God”, *Handbook of Seventh-day Adventist Theology*, 476. Ele diz que Cristo simbolicamente pregou a condenação dos seres humanos na cruz.
16. Bacchiocchi, 244
17. Russell Norman Champlin, *O Novo Testamento Interpretado*, 5:122, 124; A.H. Strong, *Systematic Theology*, 408. Ele diz que nem tudo foi abolido na cruz, e afirma que Cristo não cravou na cruz o Seu mandamento do decálogo.
18. Bacchiocchi, *From Sabbath to Sunday*, 351; Ralph Martin, *Colossenses e Filemon*, 95
19. *Exegetical Dictionary of the NT*, 1:339.
20. *Bíblia de Jerusalém*, (São Paulo, SP: Paulus, 1985), 2214. Comentando sobre o v. 14, na nota c), diz que *a sentença de morte* contra o homem foi o que Deus executou sobre Seu Filho na cruz. Sobre o texto de Efésios 2.14-15, na nota l), 2199, é comentado que a Lei

Mosaica foi cumprido, abolido por Jesus na cruz, e fazem um paralelo com Col 2.14. A *Tradução Ecumênica*, 1451, traduz o v. 14: “anulou o protesto que os mandamentos exibiam contra nos, ele o fez desaparecer, e o pregou na cruz.” vemos que o protesto foi cravado, ou seja a condenação da Lei.

<sup>21.</sup> Bacchiocchi, 244.

<sup>22.</sup> Ibid.

<sup>23.</sup> Idem., *From Sabbath to Sunday*, 348, nota 23 para ver uma lista.

<sup>24.</sup> Ibid., 350, note 31; *The Sabbath Under Crossfire*, 213-14. As expressões "Leis dos Mandamentos" e "em" não aparecem em Colossenses, mas sim em Efésios; Eber Liessi, *A Teologia do Sábado no NT*. Dissertação de Mestrado em Teologia, 1996. 240. Uma expressão diferente é “abolir” *katargeo* em Efésios e em Colossenses é “apagar” *exaleifo*.

<sup>25.</sup> 25 Rodriguez, 17; Balz, 3:318. Cf. Gerhard Kittel, *Theological Dictionary of the New Testament*, 3:923. Ele comenta que não é meramente juízo oficial, mas também juízo pessoais sobre outros.

<sup>26.</sup> 26 Ibid.

<sup>27.</sup> 27 Frank Holbrook, “Did the Apostle Paul Abolish the Sabbath?: Colossians 2.14-17 Revisited”. *Journal of the Adventist Theological Society* vol. 13, n° 2 (autumn of 2002): 70. A severidade destas praticas refletem a idéia de que o corpo, a material é ma, e estas tendências são idênticas com o Gnosticismo nas épocas posteriores, 70.

<sup>28.</sup> F.D. Nichol, "In Meat or in Drink" em *SDABC*, vol 7, 205.

<sup>29.</sup> *Exegetical Dictionary of the New Testament*, 1:228-29. Aparece 11 vezes no NT: 4 em João (4.32; 6.27 bis; 6.55); 4 em Paulo (Rm 14.14; 1Cor 8.4; 2Cor 9.10; Cl 2.16); 2 em Mat (6.19 bis) e 1 em Hb (12.16). A palavra normal para sacrificio ou oferta é *thusia*, em Richardson, 15.

<sup>30.</sup> *Exegetical Dictionary of the New Testament*, 3:140.

<sup>31.</sup> Rodriguez, 16; Richardson, 15; Kenneth Strand, "The Sabbath", *Handbook of Seventh-day Adventist Theology*, vol 12, 506; Bacchiocchi, 248; Liessi, 246. Esta seqüência complica a interpretação tradicional. Uma outra opinião sobre esta seqüência aparece em Paul Giam, “Sabbaton in Col 2.16”, *Andrews University Seminary Studies*, vol 19, n° 3 (autumn of 1981): 199, 206, 210. Quando estes dias aparecem na LXX, se trata sobre os holocaustos.

<sup>32.</sup> 2Crôn 2.4; 31.3; Nee 10.33; Ez 45.17; Os 2.11. As vezes a frase é igual ou invertido sábados e dias de festa, mas a lua nova sempre está no meio.

<sup>33.</sup> Strand, 506. Mas ele como já mencionado em nota 29, ele reconhece a possibilidade desta seqüência.

<sup>34.</sup> Alguns exemplos são: *SDABC*, vol 7, 205; J.N. Andrews and L.R. Conradi, *History of the Sabbath and the First Day of the Week*, 160; Kenneth Wood, *The Sabbath in Scripture and History*, 338-342; Mark Finley, *Studying Together*, 30-31; *Consultoria Doutrinaria*, 139-40; Alberto Timm, *Sinais dos Tempos*, março de 1998, 29. Este aceita por causa da palavra ordenanças; Orlando Jeronimo Oliveira, *A Igreja Católica nas Profecias*, 278-79, o escrito de divida era contra conosco (Deut. 31.26); A.B. Cristianini, *Subtilezas do Erro*, 124. Ele diz que o sábado não tinha natureza festiva ou típico; Antolín Diestre Gil, *El Sábado de Jesucristo y la Ley de Dios natural integrada por el Espíritu Santo*, Barcelona, Espana: Talleres Gráficos, s.d., 295-98. Além desta ultima interpretação, ele dá várias possibilidades de interpretar o texto, mas o que destaca para ele são a comida e bebida no v. 16.

- <sup>35.</sup> Wood, 338-342.
- <sup>36.</sup> Segundo Oliveiro, o sábado sétimo dia nunca está acompanhado de festas fixas, holocaustos, lua nova e manjares, 279. Creio que ele deve ler Isa 1.13; 2Cron 8.13; Amos 8.5.
- <sup>37.</sup> É verdade que o Decálogo junto com os rituais cerimoniais se uniram em sistema, que seria o antigo sistema israelita e que o sábado receberia alguns aspectos dos ritos. Por exemplo no sábado os sacerdotes ofereciam dois cordeiros além do sacrifício da tarde e manhã. Esta idéia se encontra em Holbrook, 67-8.
- <sup>38.</sup> Ibid., 341. As festas anuais e mensais estão no singular. Em aramaico, a palavra para sábado é *shabbetha* transliterado no grego *sabbata*. Mas quando *shabbetha* está no singular, é escrito como plural no grego.
- <sup>39.</sup> Cristianini, 124.
- <sup>40.</sup> *SDABC*, "Sabbath Days", vol 7, 205-06; Cristianini, 124.
- <sup>41.</sup> Liessi, 247. O sábado é sombra da salvação. Na passagem de Dt 5.12-15, o tema da criação está presente. Em Êxodo 20.8-11, o motivo da guarda é devido a criação da terra, e os seres humanos seriam totalmente dependentes a Deus. Em Deuterônomo, novamente temos o tema de criação, mas a criação do povo de Deus como uma nação, e a dependência total dos hebreus a Deus. Esta idéia é emprestado de Michael G. Hasel, *The Promise*, (Nampa, ID: Pacific Press Publishing Association, 2002), 85. É interessante que Giem, 209 escreve que o sábado talvez se harmoniza como "uma sombra das coisas futuras", mas não se harmoniza 'confortavelmente' devido a frase que o precede. Ele também cita a Páscoa tendo uma dupla função, um ao passado (Êxodo 12.11-17) e futuro (1Cor 5.7), 208. Então porque não o sábado?
- <sup>42.</sup> Bacchiocchi, 248-49.
- <sup>43.</sup> Holbrook, 71.
- <sup>44.</sup> Giem, 209 "A Lua Nova obviamente não apontava para Cristo, que foi crucificado numa lua cheia (Páscoa, o décimo quarto dia do mês lunar). As ofertas na festa da lua nova são mais facilmente entendido como apontando a Cristo." (tradução minha).
- <sup>45.</sup> Rodriguez, 16.
- <sup>46.</sup> Bacchiocchi, 248-49; Richardson, 13. Ele diz que devido a respostas rápidas é que temos dificuldades ainda com este texto. Rodriguez, 15-16, ele escreve algumas das dificuldades são: (1) até que ponto Paulo está citando seus oponentes, e (2) qual é o problema exato da igreja de Colossos.
- <sup>47.</sup> Rodriguez, 16. Ele também diz que pode ser semana, mas é mais provável que é o sétimo dia; Holbrook, 71-2; Bacchiocchi, 249; Richardson, 15.
- <sup>48.</sup> Bacchiocchi, 247. Rodriguez também está de acordo com ele, 58.
- <sup>49.</sup> Ibid., 248.
- <sup>50.</sup> Rodriguez, 17. Tem que ter em mente que o significado original do sábado, jejum etc. estão alterado.
- <sup>51.</sup> Liessi, 249; Rodriguez, 17, Paulo não está condenando o princípio do sábado, mas sua perversão; O'Brien, 139, dá a idéia de que Paulo não está condenando o uso dos dias sagrados, mas sim condena o motivo errado, que é o reconhecimento de elementos espirituais.
- <sup>52.</sup> Rodriguez, 59. Há duas possibilidades de sombra: (1) Paulo estaria dizendo que os ensinamentos dos falsos mestres eram sombras, vazios, e o que viria já está aqui, a

realidade é Jesus Cristo, (2) os falsos mestres achavam que seus ensinamentos eram sombras da realidade que viria, a participação plena no pleroma divino. Paulo está dizendo que o pleroma já está aqui em Cristo, e ninguém precisa se submeter aos regulamentos dos falsos mestres.

<sup>53.</sup> *Exegetical Dictionary of the New Testament*, 3:253. Esta expressão tem o significado de “sombra”, “cópia sombrosa”. Aparece quatro vezes como “sombra” (Mat 4.16, 32; Lc 1.79; Atos 5.15), e três vezes como “cópia sombrosa” em (Col 2.17; Heb 8.5; 10.1). É uma cópia em contraste com a verdadeira realidade. Os regulamentos são uma “cópia sombrosa”, ou seja *dogmata*, falta realidade, e são sem sentido para o crente.

<sup>54.</sup> *Exegetical Dictionary of the New Testament*, 3:165. Esta expressão significa “prefiguração,” “modelo,” “cópia.”

<sup>55.</sup> Richardson, 15; Rodríguez, 58, nota 101. O que é importante e o que não é.

<sup>56.</sup> Richardson, 15.

<sup>57.</sup> Bacchiocchi, 247, 249; Liessi, 251; Rodríguez, 17; Holbrook, 71-2, onde ele diz, não é a verdadeira observância do sábado, mas o mal uso gnóstico do sábado, e que não permite que ninguém o julgue por não observar o sábado gnóstico.

<sup>58.</sup> Strand, 506.

<sup>59.</sup> *Comprehensive Index to the Writings of EGW*, 1962. 1:149.

<sup>60.</sup> Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, 365.

<sup>61.</sup> Ela não explica o que era contra nós, e nem o que era o escrito de dívida. Ela diz que a lei cerimonial era gloriosa. *SDABC*, 6:1095. Ela diz, que a lei como um todo levava o selo divino, e expressava a santidade, justiça, e retidão de Deus.

<sup>62.</sup> White, *Grande Conflito*, 491.

<sup>63.</sup> Rodríguez, 58. Os textos que ele menciona são: Heb 8.1-5; 10.1-10; João 4.19-26; Mat 26.26-28.

<sup>64.</sup> Raoul Dederen, “Ellen White’s Doctrine of Scripture” em “Are There Prophets in the Modern Church?” Supplement to *Ministry*, julho de 1977, 24. Ele diz que os escritos de Ellen White são mais do estilo evangelístico e não de um teólogo ou exegeta.

<sup>65.</sup> Fritz Guy, *Thinking Theologically: Adventist Christianity and the Interpretation of Faith*, Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1999, 123-26. Ele escreve: o ministério de EGW não define ou controla a compreensão Adventista sobre as Escrituras. Ela não determina em avanço os resultados de uma exegese. Ela não deve ser usada como um ‘shortcut’ para compreender as Escrituras. O relacionamento entre EGW e a Bíblia deveria ser confirmada por três linhas de raciocínio: lógica, teológica e histórica. Lógica: EGW é logicamente dependente da autoridade das Escrituras. Podemos afirmar a autoridade da Bíblia sem afirmar a autoridade de EGW, mas não vice versa. Teológico: colocar a autoridade teológico dos escritos de EGW como sendo igual ou até superior a teologia das Escrituras é se separar da teologia cristã autêntica. Historicamente: A prioridade da Bíblia tem um consenso através do desenvolvimento do Cristianismo Adventista. A norma para todo pensamento teológico adventista são as Escrituras.

<sup>66.</sup> *Ibid.*, 126.